

fora de mim

uma autobiografia na terceira pessoa

episódio 2

ATÉ ME ENOJA

Ele estava a falar dela... Dizia que a tinha encontrado? Que ela lhe metia nojo, de tão baixo que havia descido. Eram as mesmas, as perguntas que tínhamos, as interrogações que persistiam em ficar.

“Até me enoja.”

“Até me enoja.”

“Até me enoja.”

As suas palavras ecoavam em mim, como se fossem minhas. Eram também minhas. Ele não a conhecia. Mas sabia bem quem era. O medo. O nojo. O nojo que lhe metia medo... A mim, a mim só me deixava mais e mais frustrada. Via tudo a andar à roda, mas não conseguia perceber porquê. Quem era aquela gente que estava à sua volta? Com que gente se dava ela? Que figuras eram aquelas? E o meu corpo mexia-se, sem saber porquê.

E aquele vagabundo, aquele vagabundo imundo que foi capaz de dizer: *Ele deitou fogo aquilo, e ela deu de frosques. Era uma boa foda! Podia ter feito dinheiro com ela.* Fazer bom dinheiro comigo? Comigo? Quem é que ele pensa que eu sou? Que homem é este? Que porco! E ainda foi capaz de dizer que tinha um bom cú e que era uma boa foda?! Se me enoja...!

Como não conseguia ela ver nada disto, mas ver tudo à roda, apenas? E ela ali continuava!, a ver o mundo entre soluços, gargalhadas e goles de vodca... ridícula! Vento... agora ouvia-se o vento. Ouvia-se o som do vento nas árvores mas essencialmente o vento que tentava travar os carros: *Vziuuuum Vziuuuum*. Ela passava de um lado para o outro, aflita. A tensão acumulava-se a cada carro que passava e não parava.



O braço continuava a levantar-se sempre que ao longe se avistava um. Movimento mecanizado, deplorável. Eu já desistia. Esta viagem parecia não ter fim. Estas imagens, estes sons, estas sensações, não tinham fim!